

João de Assis

# José da Glória

UMA HISTÓRIA IRÔNICA DE UM MENINO NASCIDO EM UMA FAMÍLIA RICA





# José da Glória

UMA HISTÓRIA IRÔNICA DE UM MENINO NASCIDO EM UMA FAMÍLIA RICA



João de Assis

# José da Glória

UMA HISTÓRIA IRÔNICA DE UM MENINO NASCIDO EM UMA FAMÍLIA RICA



Rio de Janeiro  
2020



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo desta OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem nela contido, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

José da Glória: uma história irônica de um menino em uma família rica

Copyright © 2020, *João de Assis*

Todos os direitos são reservados no Brasil.

**PoD Editora**

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 – sala 1110  
Centro – Rio de Janeiro – 20060-030  
Tel. 21 2236-0844 • [www.podeditora.com.br](http://www.podeditora.com.br)  
[atendimento@podeditora.com.br](mailto:atendimento@podeditora.com.br)

Capa e Diagramação:

***Pod Editora***

Impressão e Acabamento:

***Pod Editora***

Revisão:

***Letícia Rio Branco***

Foto capa:

***acervo da cidade de Caranaíba***

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autora.

---

Ficha Catalográfica

A865f

Assis, João de  
José da Glória / João de Assis. - 1. ed. - Rio de Janeiro : PoD, 2020.  
100p. ; 21cm

Inclui índice

ISBN 978-65-86147-37-7

1. Romance brasileiro. I. Título.

CDD: 869.1

CDU: 82-1(81)

---

## Homenagem à grande professora

Tenho obrigação de enaltecer a sra. Dinorá Campigotto; teacher na empresa Secretaria de Estado da Educação do Paraná; estudou na instituição de ensino UEPR- FECILCAM; frequentou Colégio estadual Professor João Farias da Costa; nascida em Xaxim e mora hoje em balneário Camboriú-SC. Pela singeleza dessa alma boníssima, eu me considero hoje o mais feliz dos homens, pois, foi com a ajuda financeira dela que eu consegui completar o sonho de editar um dos meus livros pela Editora Albatroz. Porque na realidade mesmo “Um escritor, nem sempre vive do produto da venda de seu trabalho, mas do aplauso que recebe por ele”. Se não fosse essa pessoa que é, a sra. Dinorá, este livro ficaria na gaveta da minha escrivaninha e deixaria esse mundo sem realizar o meu sonho de escritor. Obrigado sra. Dinorá, só mesmo Deus para recompensá-la por essa obra de caridade.

O autor



## Prefácio

Mais uma vez João nos brinda com um texto denso, sofrido e de muita coerência, pois nos remete às lutas que a sorte nos oferece, como se ela existisse.

Como em seus escritos anteriores, nos vemos diante de situações inóspitas e sensíveis.

O sofrimento de uma abastada família diante das adversidades, em especial do mais jovem dela, Alisson.

Há uma quadrinha popular que nos diz: “Até entre as flores há desdita/que determinam a sorte/umas enfeitam a vida/outras enfeitam a morte.” É essa a base desta história sofrida por suas personagens. História vivida por uma família de cinco personagens, mas apenas um é desditoso.

Na criação de seus enredos, o autor se esmera e se suplanta a cada livro que produz.

Seus textos nos surpreendem, como no caso de “Amor e ódio”, onde somos postos diante de tão inusitado final. Esse é o estilo de João de Assis.

A leitura de “José da Glória” nos leva a reflexões sobre as surpresas da vida, nem sempre boas.

Membro da Academia Cruzeiroense de Letras e Artes.  
Jornalista, escritor e poeta



## À Guisa de Prefácio

Esta história é fictícia, tal qual foi a minha vida de grande escritor e sublime poeta.

Mas a cidade onde ela acontece, é real: existe e sempre existirá.

Nela eu nasci, porém, muito pouco, vivi.

Mas dela, guardo as mais gratas recordações da minha vida - Minha Infância Querida.

Sempre na primavera para lá eu ia... duas horas de viagem a pé, por uma estrada mal cuidada e de terra batida...

Era um tempo de flores... um tempo de chuva... um tempo de barro... o cheiro de capim gordura, pendulando nos seus vales ou em suas montanhas, os coloriam de um verde muito oliva.

Glória...nome que te deram quando nem nascido eu era, mas que guardo com inteiro carinho em meu coração. Terra das minhas raízes... raízes que formaram minha origem... a minha vida...

Neste paupérrimo relato, os vocábulos podem muito bem soar sem sentido, ou até mesmo, sem inspiração. Isto vai depender diretamente daquele, ou daquela pessoa, que nesta via-

gem se aventurar. A cidade também poderá parecer a todos irreal ou inconcebível, mas, para mim, isto não importa.

O importante é que eu escolhi este relato para, nele, gravar com letras de fogo a frase: “EU A AMO”. Pois, incorporando um semideus que define quem vive, quem morre, quem ama, eu então a coloco grande e magnífica, como gostaria que já fosse.

E aos supostos viajantes que passearem por estas linhas, eu peço que compreendam esta minha intenção, deixando fluir em seus corações, um pouco deste amor platônico (eu bem sei), mas que sempre tive e sempre terei, por este meu torrão natal.

João de Assis

## Capítulo 01

Estava fazendo dois meses que o Sr. Ramiro, rico empresário e dono de uma fortuna considerável, tinha mudado seus hábitos costumeiros.

Cansado dos muitos sistemas de segurança, que por obra sua foram implantados no seu dia a dia, desde sua residência até suas empresas.

Segurança esta que, por ser ele uma pessoa abastada, era de vital importância mantê-la sempre em atividade para a própria sobrevivência sua e a de seus familiares. Aliás, quanto a isso, com relação a sua esposa, Mariana, e seus três filhos: Alisson, um ano e dois meses, Anderson, de quatro, e Wyler, de quase seis, ele jamais abriu mão dela.

Infelizmente, esta ciranda financeira, patrocinada pela fusão do capitalismo selvagem com a total aceitação da globalização do mundo, implantada em nossa sociedade por estes mesmos empresários, faz com que nós, homens comuns, sejamos os presos albergados dentro de nossas próprias casas e eles, os ricos, passem a se deslocar para qualquer lugar deste planeta “com seguranças”, ao em vez de: “em segurança”. Talvez, esteja aí uma frase filosófica para se pensar: “se eles, os ricos, se contentassem com uma fatia menor neste bolo econômico,

nossas vidas e por consequência também a deles, poderia ser bem melhor”.

Mas, enquanto isto não acontece, o que se vê é a velha “corrida do ouro”, que séculos atrás se verificou no oeste americano, agora acontecendo nas cidades grandes de todos os países do mundo, tendo como os maiores promotores esta minoria de ricos empresários, infelizmente.

E este sistema de vida que não podemos jamais chamar de “modus vivend”, em contrapartida, provoca uma série de efeitos colaterais indesejáveis. E um deles é o estresse, que mais cedo ou mais tarde, acaba se instalando nestes mesmos indivíduos, fazendo com que se tornem excessivamente temperamentais e impacientes.

Este era então o estado de momento deste empresário do ramo de alimentos, residente na cidade de Caranaíba, no estado gigante de Minas Gerais.

— Vou fazer minha caminhada... — disse Ramiro à sua mulher, enquanto trajando um training de moletom azul e um tênis de marca, se dirigia apressado para a porta de saída da sala de estar.

— Buaaaaaaá, Buaaaaá — ouviu-se o estridente choro de Alisson que, sentado em sua cadeira de alimentação e preso pelo cinto de segurança dela, não tirava os olhos de seu pai.

— Que foi meu filho? — interveio sua mãe, tentando acalantar o garoto.

Ramiro, ao ouvir o choro, estando já na porta, voltou-se na direção do garoto, falando ao mesmo tempo para sua esposa.

— Deixe que eu o levo na caminhada, só hoje.

— Nada disso — disse Mariana — você vai muito longe e ele não vai aguentar uma caminhada assim, nem mesmo no colo de alguém.

— Não, não, pode deixar. Hoje eu vou fazer um percurso menor. E, depois, também não sou doido. Será que você está pensando que eu vou deixá-lo caminhar?

— Não Ramiro, de jeito nenhum. Ainda mais que você cismou de não levar nenhum segurança junto nessas caminhadas...

— Deixa de ser boba, mulher.

E, pegando a criança no colo, foi saindo com ela, retrucando à guisa de saída.

— Acho que você acha que eu sou criança? Será que você não está vendo que é cedo demais? Ainda não são nem seis horas da manhã.

— Olha, Ramiro, eu já vi uma pessoa teimosa. Mas juro que nenhuma tanto quanto você — disse ela, já quase gritando a parte final da sua frase, pois seu marido já estava saindo com Alisson no portão.

Ramiro saiu carregando o garoto no colo. Alisson, muito sorridente, estava fascinado por estar na rua. A manhã não estava fria, apesar do sol ainda não ter dado as caras.

Todos os dias Ramiro fazia esta caminhada pelos quarteirões próximos à sua casa, mas hoje, especialmente por causa do seu filho, ele a reduziu. E, para esta redução, teve que passar pela pequena estrada de terra que atravessa o também pequeno

Bosque Municipal. Este distava mais ou menos umas quatro quadras de sua residência. E foi aí neste pequeno bosque, ainda deserto pela alvorada do dia que nascia, que aconteceu o imprevisto.

Três bandidos, todos usando luvas de borracha, chegando por trás, jogaram Ramiro ao chão. Ele, ao ser abalroado e antevendo que ia cair, rodopiou seu corpo para então cair de costas. Desta maneira, evitou que Alisson se machucasse com sua queda. Imediatamente, uma arma foi colocada em sua cabeça, fazendo-o ficar imóvel no chão. Alisson, assustado, começou a chorar. Uma voz metálica soou fria, no ar.

— Rápido, deixe o garoto no chão, e venha conosco.

Pela ordem ouvida, o pensamento de Ramiro extrapolou a velocidade da luz. “Sequestro, e querem a mim, mas e o Alisson?”

— Obedeça e largue o garoto. O melhor para ele é ficar por aqui, não queremos nenhum estorvo. — disse o segundo marginal, enquanto apoiava com extrema violência seu joelho na barriga de Ramiro, ao mesmo tempo que se preparava para algemá-lo.

Diante do dilema, Ramiro preferiu deixar seu filho sentado na terra, e pensou: “com a minha demora, alguém virá e o achará aqui”.

Levantado com a ajuda de um dos bandidos, foi imediatamente empurrado para dentro de um carro, onde foi forçado a deitar-se no chão da parte traseira. Ali, estirado, ouviu o choro sentido do garoto, abandonado na terra. O carro saiu em disparada.

Um rapaz, que era o terceiro bandido, sentou-se perto da cabeça de Ramiro e encostou nela sua arma. O segundo, sentando-se do lado de suas pernas, colocou um de seus pés em suas costas, justamente para forçá-lo a permanecer deitado.

A “via crucis” de Ramiro continuava, não sabia se ele se preocupava com sua vida ou com a vida de Alisson, deixado sozinho naquele bosque.

Dentro do carro, o silêncio imperava. E, dentro deste clima de medo, Ramiro, voltando para a realidade, notou que o rapaz que segurava a arma encostada em sua cabeça, tremia demasiado. Era visível o grau de seu nervosismo. Ramiro tentou acalmá-lo.

— Calma garoto, eu é que deveria estar nervoso, afinal, você está armado.

— Cale a boca— disse ele, forçando o cano da arma contra sua cabeça.

“A emenda ficou pior do que o soneto”. Com a intervenção de Ramiro, o rapaz passou a tremer mais ainda.

Depois de meia hora de viagem mais ou menos, o carro em disparada entrou numa curva e, sem que o motorista esperasse, passou por um quebra-molas sem reduzir a velocidade. O solavanco foi tão grande que, mesmo sem querer, a arma do bandido mais moço disparou. A bala penetrou no crânio de Ramiro, e sua morte foi imediata.

Um dia li em algum lugar a seguinte frase: “Duas coisas nos conferem sentido de realização pessoal: 1 — Conseguir aquilo que planejamos; 2 — Desfrutar aquilo que conseguimos. Só os mais sábios conseguem a segunda...” E não sei por

que, mas acho que ela se encaixa muito bem aqui, ou talvez, seja apenas impressão minha.

Depois daquele tiro acidental, o bandido mais velho, que estava sentado no banco de trás, disse:

— Sujou, procure um lugar ermo pra gente “abandonar o barco”.

Na mesma hora o motorista, enveredando por um beco estreito, saiu numa estrada vicinal de terra batida, e eles abandonaram o carro logo à frente, seguindo cada um em uma direção.

\* \* \*

Chorando muito, Alisson engatinhava totalmente desnor-teado em meio à poeira solta, daquela rua de terra do Bosque Municipal.

Já estava ele com sua fralda toda molhada por vários xixis e, por isso mesmo, todo sujo de barro, quando apareceu um homem de cor, empurrando um carrinho de madeira, no qual transportava papelões e latinhas de cerveja, que catava nas ruas e praças da cidade. Este homem vendo o desespero do menino e julgando pela sua sujeira se tratar de uma criança abandonada por sua família, aproximou-se dele e pegando-o no colo, disse.

— Vem cumigo, onde come quatro, mais um num vai fazê deferença, não.

Alisson foi erguido do solo e colocado sentado entre os papelões que já estavam no carrinho. A mudança de situação, isto é, a saída da terra para o carrinho, fez com que ele se acal-

masse e, com o início da viagem, chegou até a sorrir.

Quarenta minutos depois, chegaram ao barraco onde este homem morava, situado na orla final de uma favela. Era um barraco construído com tábuas de caixotes desfeitos e restos de materiais de construção, achados todos no lixão da cidade, que ficava ali perto.

Ao entrar naquela mísera tapera, sua mulher, vendo-o com aquela criança nos braços, indagou admirada:

— Onde ocê arrumô essa criança, Firmino?

Firmino era seu nome. Como já disse, de cor, magro e espadaúdo, usava um cavanhaque próprio dos negros que optam por deixar a barba crescer. Não era casado, nem emprego ou profissão sequer tinha como trunfo para criar sua família, isto é, sua amante e seus dois filhos.

— Foi jogada fora, tava lá naquele bosque do centro — respondeu, enquanto colocava Alisson em cima daquele estrado armado, que servia de cama para eles.

— E ocê foi trazer pra casa?...

— Ah, muié, onde come quatro, come cinco. E depois, ah, eu num tive corage de dexá este moleque chorando no chão, não.

— Só, Firmino, que aqui a coisa num é assim, não. Aqui onde quatro já passa fome, cinco, vai ficá pior — disse a mulher.

— Ah, Zira, se ocê num quizé, ocê dá prus otros, mais eu num tenho corage prisso, não. Ocê resorve, eu vou é vendê o papelão de hoje.

Dizendo isso, Firmino saiu puxando seu carrinho rumo ao ferro velho onde, todo dia, vendia as suas sucatas.

Zira, isto é: Alzira, este era o seu nome, mas desde que conheceu Firmino ficou sendo chamada por esta fração do nome, ficou ali olhando aquela criatura brincando com suas mãozinhas, conjecturando, sozinha.

Na realidade, a grande e única preocupação daquela mulher era com a alimentação, pois tinha dia que os dois filhos que já possuía não tinham nada para comer. Na pequenez do seu mundo não passavam preocupações de saúde, dentistas, médicos e estudos, isto era considerado luxo e era administrado como podia, mas o estômago, não, este ela sabia que reclama toda hora, e principalmente numa criança daquela idade.

\* \* \*

Sete horas da manhã. O segurança de nome Armando, que passara a noite guardando a mansão, chegou da rua onde, à mandato de Mariana, fora atrás de seu patrão, que já passava da hora de regressar.

Mariana, apavorada, esperava na porta por alguma resposta, visto que já tinha percebido o retorno do segurança, sem a companhia de Ramiro.

— E aí, Armando? — gritou.

— Não encontrei não, Dona Mariana. Fiz o trajeto todo que o patrão tem costume de fazer... nem sombra deles — respondeu Armando.

— Ai, meu Deus, o Alisson ainda está com ele. E ele ainda falou que ia fazer um trajeto menor, justamente por causa do



A PoD Editora garante, através do selo FSC de seus fornecedores, que a madeira extraída das árvores utilizadas na fabricação do papel usado neste livro, é oriunda de florestas gerenciadas, observando-se rigorosos critérios sociais e ambientais e de sustentabilidade.

Composto e Impresso no Brasil  
Impressão Sob Demanda

21 2236-0844

[www.podeditora.com.br](http://www.podeditora.com.br)

[atendimento@podeditora.com.br](mailto:atendimento@podeditora.com.br)

**2020**